

Sumário

Introdução — Filosofia da Educação como práxis humana <i>Claudio A. Dalbosco, Pedro A. Pagni e Sílvio Gallo</i>	7
I. Severino aos 75 anos: uma conversa	27
<i>Os organizadores</i>	29
II. Linhas de uma trajetória intelectual e acadêmica	55
1. Trajetória de perto e de longe <i>Francisca Eleodora Santos Severino</i>	57
2. Um humanista comprometido com a Educação no Brasil <i>Lidia Maria Rodrigo</i>	79
3. Contribuição do professor Severino para a metodologia da leitura, análise e interpretação de textos filosóficos <i>Dermeval Saviani</i>	93
4. Severino educador <i>Bruno Pucci</i>	107
5. As <i>lições</i> do professor Antônio Joaquim Severino acerca do pedagógico, do ético e do político em suas vinculações com a educação <i>José Pedro Boufleuer e Alexandre Simão de Freitas</i>	123

6. Filosofia, educação e práxis no pensamento de Antônio Joaquim Severino <i>Eldon H. Mühl e Angelo V. Cenci</i>	143
7. A busca pela identidade da Filosofia da Educação no pensamento de Antônio Joaquim Severino <i>Marcos Antônio Lorieri</i>	161
III. Temas de um pensamento crítico e inconformado	185
8. Autonomia: do movimento local à criação de sentido <i>Lílian do Valle e Estrella Bohadana</i>	187
9. O papel do professor na modernidade: reflexões a partir de Max Weber <i>Alonso Bezerra de Carvalho</i>	203
10. Educação Superior e formação docente <i>Pedro Goergen</i>	219
11. Habermas revisita Dewey: os desafios da relação entre educação e democracia <i>Nadja Hermann</i>	239
12. Aprendendo a pensar e a estética do entendimento <i>Ralph I. Bannell</i>	251
13. Biopolítica, formação cultural e educação <i>Amarildo Luiz Trevisan e Geraldo Antonio da Rosa</i>	265
Sobre os Autores	283
Anexo Fotográfico	289

Introdução

Filosofia da Educação como práxis humana

CLAUDIO ALMIR DALBOSCO
PEDRO ÂNGELO PAGNI
SÍLVIO GALLO

Este livro dedicado a Antônio Joaquim Severino retrata algumas das faces do pensamento e da personalidade desse intelectual, professor e amigo, que se constituiu referência para muitos dos autores que aqui lhes prestam essa homenagem. Os motivos os quais nos levaram a homenageá-lo foram os de reconhecer publicamente o papel exercido por Severino em vários campos do saber e, em especial, de destacar o seu protagonismo na constituição da Filosofia da Educação no Brasil nas últimas décadas. Nesse campo, influenciou, de modo decisivo, a discussão acerca de sua identidade como área de pesquisa e disciplina acadêmica, assim como se colocou como um interlocutor dileto de uma geração que concorreu para o desenvolvimento dessa área de interface da Educação com a Filosofia. Mais do que o papel circunscrito aos contemporâneos de sua geração, estendeu sua intercessão às gerações mais recentes de pesquisadores, papel que continua a exercer até os dias de hoje,

contribuindo para a sua formação, sempre com uma admirável postura aberta, generosa, que merece destaque tanto quanto a sua influência nas tentativas de circunscrever a identidade da Filosofia da Educação entre os finais dos anos 1990 e meados de 2000.

Não obstante reconhecermos a importância de sua trajetória anterior na discussão tanto da educação como ideologia quanto na metodologia da pesquisa, no período mencionado, gostaríamos de ressaltar que Severino (1990; 2000; 2002) apresenta tanto uma concepção de Filosofia da Educação quanto esboça a sua trajetória no Brasil, recorrendo a uma perspectiva hermenêutica e humanista. Ou seja, é essa base teórica que o leva a pensar na relação entre filosofia e educação e a problematizar temas que cruzam a formação humana do começo ao fim.

Dessa perspectiva, Severino (1990) procura definir três núcleos temáticos em torno dos quais a Filosofia da Educação poderia se constituir enquanto um campo mais bem delimitado de pesquisas e do saber, com o apoio das Ciências Humanas e da Filosofia. O primeiro deles destinar-se-ia à “construção de uma imagem de homem, enquanto sujeito fundamental da educação”, sustentada por uma “historicidade profunda”, que compreenda a existência real dos seres humanos pela “intersecção do social com o histórico”. O segundo núcleo temático caracterizar-se-ia pela definição dos fins e dos valores do agir humano não a partir de ideais abstratos (como o de perfectibilidade humana ou o de utilidade) e por uma axiologia destituída de seu componente social, mas de uma concepção de homem e de uma ética definida a partir das “mediações histórico-sociais”. E o terceiro núcleo se constituir-se-ia em torno de uma tarefa epistemológica, investindo na investigação de produção de conhecimento das Ciências da Educação e no próprio processo de educação, bem como concorrendo para a formação de uma consciência capaz de desvendar as relações de dominação presentes no discurso e na prática pedagógica.

Do ponto de vista sistemático, cruzam-se, entre si, na concepção educacional filosófica de Severino, antropologia, moral e epistemologia. Ele sustenta teoricamente esse cruzamento tripartite concedendo primazia à antropologia e, ao fazê-lo, insere-se nitidamente na tradição

neo-humanista. Contudo, tal inserção não significa, por um lado, que Severino assuma acriticamente e de modo integral todas as teses do neo-humanismo e, por outro, que o faça em detrimento da moral ou da epistemologia. Primado da antropologia quer dizer, em seu pensamento, mais precisamente, que ele atribui importância à pergunta inesgotável pela condição humana, colocando-a na base do agir moral e do conhecimento das coisas e do mundo. Mas, é preciso considerar que esse modo arquitetônico de pensar, baseado em três pilares com primazia à antropologia filosófica, não é próprio somente de Severino, senão da geração à qual pertence e que ele soube liderar com naturalidade e generosidade. Coube à tal geração, à qual devemos gratidão, a árdua tarefa de pensar a identidade da Filosofia da Educação e delinear suas metas de ação, visando, por meio do diálogo vivo e criativo com a tradição intelectual passada, contribuir com a formação do pensamento crítico das novas gerações.

Em torno desses três núcleos temáticos, a Filosofia da Educação poderia encontrar, segundo ele, sua identidade enquanto campo do saber sobre a educação ou, em outras palavras, enquanto uma reflexão filosófica sobre a educação, os seus problemas e a sua prática. É dessa forma que Severino (2000) define a Filosofia da Educação, compreendendo-a seja como reflexão teórico-conceitual mais ampla no sentido de (re) elaborar teorias pedagógicas para ação educacional, desenvolvida pelos filósofos da educação, seja como uma reflexão sobre as questões emergentes da ação educativa, produzida pelos próprios educadores. Em linhas gerais, Severino (2002, p. 119-20) concebe a Filosofia da Educação como, fundamentalmente, uma antropologia, já que toda significação possível de educação estaria “atrelada à existência humana na sua integralidade”. Por essa razão, essa concepção acompanharia a “tríplice abordagem possível para a filosofia abordar o ser do homem”: a ontológica, sem que essa se restrinja à metafísica; a axiológica, sem que essa se reduza a uma sabedoria nem à mera sensibilização de valores; e a epistemológica, desde que não se limite a articular as teorias científicas da educação e sintetizar os seus resultados. Ao contrário, essa “tríplice abordagem” teria o propósito de contribuir para a “intencionalização da prática educacional”, oferecendo as condições para se realizar enquanto práxis e buscando o “desvendamento/sentido da educação”, em consonância com as

Ciências Humanas e com algumas correntes da Filosofia Contemporânea — aquelas que concorram para legitimar tais propósitos.

Seguindo, dessa forma, o que havia anteriormente enunciado como núcleos em torno dos quais a Filosofia da Educação se constitui, Severino argumenta que:

A Filosofia da Educação só se legitimará ao se apoiar nos fundamentos da radical historicidade e sociabilidade da educação. Essa é a concepção que sempre defendi, esperando para delinear a identidade específica dessa disciplina e explicitar suas interfaces às demais ciências da educação. (2002, p. 120)

Pode-se dizer que, para ele, essa disciplina teria alguma legitimidade e seria representativa na formação dos professores quando adquirisse a referida identidade, delineada a partir dessa tríplice abordagem e da discussão desses fundamentos humanistas, adquirida pela articulação consciente entre a Filosofia da Educação e as demais Ciências da Educação, no sentido de tornar consciente a “intencionalidade da prática educacional” e de reorientá-la por intermédio de um sujeito histórico e, principalmente, da práxis educacional. Tratar-se-ia, dessa forma, não da definição de uma concepção verdadeira de homem, a partir da qual seriam constituídos os valores axiológicos e os fundamentos epistemológicos da prática educativa, mas do debate em torno do humanismo a orientá-la e a legitimá-la, de modo mais plural. Tal debate reconhece as diferentes concepções em jogo, permitindo optar por aquela capaz de promover uma efetiva transformação da educação enquanto prática social e histórica. Caberia às pesquisas e à constituição da Filosofia da Educação enquanto campo de saber, em suma, não apenas elucidar as diferentes concepções antropológicas em jogo, ao longo da história, a sua ontologia, a sua axiologia e a sua epistemologia, analisando-as em seus fundamentos, como também, e principalmente, torná-las conscientes em relação à sua intencionalidade na prática social e educacional concreta e à prática política.

Sendo assim, as pesquisas nesse campo, ainda em constituição no nosso país, produzidas em torno dos núcleos anteriormente mencionados

e das diferentes antropologias filosóficas em que se fundamentaram as teorias e as práticas pedagógicas, poderiam gerar uma identidade temática. Tal identidade, a ser reconhecida pelos professores dessa disciplina, contribui para reorganizar o seu programa de ensino na formação de professores, com o intuito de imbuir os seus alunos do espírito crítico e humanista que a caracterizariam nos currículos desses cursos.

Em torno dessa perspectiva para a construção do campo, dando consequência a uma longa pesquisa, com um vasto estudo de fontes sobre a Filosofia Contemporânea no país (Severino, 2001), nosso homenageado, estende-a para a compreensão dos principais círculos hermenêuticos em torno dos quais se deu a constituição da Filosofia da Educação no Brasil. Com isso, Severino procurou “saber como se pensou e se vem pensando, filosoficamente, no Brasil, a educação” (2000, p. 284), dando evidência aos círculos hermenêuticos capazes de elucidar as várias concepções humanistas nas quais se fundaram o debate e a história da Filosofia da Educação no Brasil, em contraposição à visão essencialista e ideológica que demarcaram a sua vertente católica e metafísica em meados do século XX. Para ele, existiram quatro grandes círculos filosófico-educacionais, que assim denomina: “tecnicidade funcional da educação”, “eticidade formativa”, “educação como lugar de produção e cultivo da sensibilidade desejante”; “educação como práxis construtora da história”. A partir dessa classificação, Severino analisa o pensamento dos principais autores que compuseram esses círculos hermenêuticos Filosofia da Educação no Brasil, dando um passo significativo, considerando a diversidade de fontes e o recurso a categorias — menos prefixadas pela repartição político-ideológica, embora não a tenha ignorado, mais estabelecida pelas perspectivas teóricas em jogo —, às contribuições anteriores de Dermeval Saviani (1983) e de Durmeval Trigueiro Mendes (1987).

Não obstante as críticas (diretas ou indiretas) sofridas por esse seu estudo,¹ não se pode ignorar o seu caráter matricial e entendê-lo como uma contribuição que serviu como ponto de partida às poucas pesquisas

1. Ver, por exemplo, Mazotti (1999), Gallo (2000), Pagni (2014).

existentes sobre a história da Filosofia da Educação no Brasil, além de os seus resultados terem servido a inúmeras interlocuções sobre a natureza dessa disciplina na esfera acadêmica. Contudo, esse debate e as contribuições desses estudos de Severino, muitas vezes, escondem outro papel seminal desempenhado por ele nesse campo e que é congruente com uma de suas virtudes mais admiráveis: a generosidade.

Referimo-nos aqui às práticas exercidas por ele no campo da docência, destacado por parte dos autores desta coletânea, mas, principalmente, pelo seu papel na coordenação de coleções no campo da Filosofia da Educação, que tem aberto espaços significativos tanto para a difusão de obras de autores importantes nesse campo quanto para a diversificação de perspectivas teóricas, de debates sobre novos temas e de apresentação ao público a que se destinam — em geral, futuros professores, docentes e pesquisadores da área — de autores pouco conhecidos. À frente de diversas coleções, o professor Severino abriu espaço para muitos autores e oportunizou um trabalho mais qualificado na docência da disciplina Filosofia da Educação nos cursos de formação de professores.

Muitas vezes, publicou textos de perspectivas teóricas nas quais critica abertamente autores que foram seus críticos, sem se importar tanto com as divergências quanto com as eventuais críticas, mostrando sua mais profunda generosidade. Sem essa virtude, muitos de nós, autores deste livro e pesquisadores do campo, teríamos encontrado, se não espaço para atuar, ao menos o apoio e o incentivo necessários para seguirmos adiante, seja na esfera profissional, seja no âmbito pessoal. Por isso, somos testemunhas de uma formação em que essa generosidade se fez marca e foi um aprendizado relevante em algum momento de nossas vidas. Talvez, ela tenha contaminado um campo todo de pesquisa e de ensino, permitindo que se desenvolvesse com essa marca, graças à afetividade e respeito com que Severino e outros de sua geração ensinaram-nos como verdadeiros mestres.

Isso significa admitir que, para além do que Valle e Kohan (2004) denominaram temas que propiciaram um fértil “terreno de interlocução” no campo da Filosofia da Educação a partir da segunda metade dos anos 1990, talvez essa postura pessoal e intelectual protagonizada pelo

professor Severino e por alguns outros pesquisadores de sua geração, auxiliou-nos a suportar as divergências, a acolher com certa paciência as diferenças teóricas e, ao mesmo tempo, a divergir com amizade e cultivar certa generosidade da escuta.² Alguns de nossos colegas têm aventado essas características como sendo parte do GT de Filosofia da Educação da ANPEd ou em outras associações do campo, mas o que se percebe é que elas são protagonizadas por alguns colegas de uma geração que auxiliou a construir esse campo com o que possuem de melhor, pessoalmente e intelectualmente falando.

No caso de Severino, a generosidade tanto pessoal quanto intelectual é uma de suas qualidades mais evidentes, e, graças a essa sua virtude, seguramente, podemos dizer que o campo da Filosofia da Educação no Brasil produziu essa diversidade de posições intelectuais, sendo incentivo latente em relação aos temas inovadores e às divergências teóricas, assumindo, portanto, a diversidade como seu principal móvel. Embora não concentrados em torno de certo humanismo ou, mesmo, em círculos hermenêuticos — mas não propriamente herméticos — como esperado pelo nosso homenageado, a interlocução com suas obras sobre o assunto foi crucial para que a Filosofia da Educação tivesse uma história que, por vezes, se confunde com a sua generosidade pessoal para acolher o que emerge de temas provocativos e novas posições e, principalmente, com certa inquietude intelectual que parece não ter fim. Esse parece ser o espírito desse grande intelectual, amigo e mestre, que se faz presente, que demarcou e que continua a demarcar a Filosofia da Educação no Brasil.

Foi justamente essa trajetória de seriedade intelectual, de generosidade ética e de compromisso permanente com a formação de novas gerações que tornou unanimidade, entre seus membros, sua escolha como presidente de honra da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (SOFIE). Ainda criança, engatinhando seus primeiros passos, a SOFIE

2. Para uma interpretação da história do GT 17 da ANPEd nessa direção, destacando também o papel desempenhado por Antônio Joaquim Severino, ver Pagni e Dalbosco (2014, p. 23-56).

também deve muito à história intelectual, à prática investigativa e ao testemunho docente e de orientação do professor Antônio Joaquim Severino. Por isso, fica entre nós a convicção de que é pelo trabalho coletivo e pela paciência e respeito recíproco em tratar nossas diferenças que potencializamos nossa força e podemos dar nossa modesta contribuição à formação humana e profissional das novas gerações. Severino também é testemunho, neste sentido, de que o trabalho coletivo ganha ainda mais força quando está alicerçado no trabalho individual, solitário e paciente com o conceito e com a investigação intelectual mais ampla.

Com o arrazoado acima, temos motivos suficientes para prestar homenagem intelectual ao professor Antônio Joaquim Severino. Neste contexto, nada mais oportuno que iniciar o livro de homenagem com a entrevista que os organizadores fizeram com ele. Além de traçar brevemente sua trajetória intelectual, seus anos de formação ginasial e seus estudos universitários, Severino fala francamente sobre suas concepções filosóficas e educacionais, deixando claros os motivos que o impulsionaram, desde muito cedo, a privilegiar, em sua trajetória investigativa, o diálogo entre filosofia e educação. Salta aos olhos do leitor atento a diversidade de suas fontes e o trabalho paciente com o conceito, fazendo jus ao princípio hermenêutico fundamental da “prestação de contas histórico-conceitual”. Aliando o espírito ético-pedagógico da generosidade com o refinamento no trato conceitual, o professor Severino foi e continua sendo responsável pela formação de muitas gerações. No que se diz respeito à Filosofia da Educação propriamente dita, embora tenha se deixado influenciar por diferentes fontes, não esconde sua preferência crítica pela filosofia da práxis, de origem grega, e reatualizada, na modernidade, pela tradição marxiana e os desdobramentos filosóficos e pedagógicos posteriores, que cravaram raízes nos séculos XX e XXI.

Todos os convidados para lhe prestar esta homenagem buscam de uma forma ou de outra dialogar se não diretamente com o pensamento de Severino, ao menos com os temas com os quais ele mesmo se ocupou. Na organização dos capítulos, optamos por agrupá-los em dois blocos: o primeiro reúne textos que tratam diretamente da trajetória de Antônio Joaquim Severino, com diferentes pontos de vista e com distintos enfoques;

o segundo bloco reúne outros textos que tratam de temas centrais no pensamento e na obra de Severino, referindo-se diretamente a ele ou não.

Na seção *Linhas de uma trajetória intelectual e acadêmica*, encontramos sete textos. Francisca Eleodora Santos Severino apresenta uma visão da trajetória de Antônio Joaquim Severino como outra pessoa não seria capaz, no ensaio *Trajetoária de perto e de longe*. A vida pessoal e profissional de Severino é narrada desde suas origens mestiças no interior das Minas Gerais, passando pela infância vivida na zona rural, com todas as dificuldades implicadas para frequentar a escola. Nas relações travadas no seio da família, compreendemos a emergência de traços marcantes de sua personalidade, que influenciariam decisivamente seu pensamento. Nesse relato, conhecemos as dificuldades de um intelectual para aprender a cuidar dos filhos, a felicidade cruzada de receber, praticamente ao mesmo tempo, a notícia do lançamento de um livro e do nascimento de uma neta. Ao acompanharmos a sua trajetória de formação, no Brasil e na Bélgica, vamos percebendo os encontros pessoais e intelectuais que marcaram e seguem marcando sua vida. A filosofia personalista de Mounier, vista à época como uma alternativa revolucionária ao pensamento que imperava, sobretudo nos meios católicos: o neotomismo e o neopositivismo, marcas de sua formação inicial. Severino encontra no pensamento de Mounier uma ferramenta crítica para a leitura da realidade brasileira de então, possibilitando intervenções políticas transformadoras. Mas, a formação intelectual não pode ser separada de sua trajetória acadêmica, que se confunde com os passos iniciais da pós-graduação em Educação no Brasil, da qual Severino foi um dos impulsionadores. Exerceu diversos cargos de administração acadêmica nas várias universidades nas quais trabalhou, públicas e privadas. Enfim, encontramos nesse ensaio uma narrativa sensível, emocional e inteligente, que permite ao leitor conhecer Severino de várias perspectivas.

Um humanista comprometido com a Educação no Brasil é o título do capítulo escrito por Lidia Maria Rodrigo. O texto apresenta uma síntese da obra de Severino, pensada em três eixos: a produção em torno da metodologia do trabalho científico; os estudos da Filosofia produzida no Brasil; a construção de uma teoria filosófica do fenômeno educativo.

A síntese, muito bem empreendida pela autora, que nos permite ter um panorama geral e crítico da produção intelectual de Antônio Joaquim Severino, está assentada numa afirmação de Corbisier, de que vemos o mundo a partir de nossa biografia. A construção é feita, então, no cruzamento dos dados objetivos com as escolhas pessoais, que vão delineando uma história de vida e um pensamento em construção. Buscando o traço marcante que seria central na produção de Severino, Rodrigo destaca seu radical humanismo, centrado na defesa da dignidade humana, posição influenciada por seus estudos do pensamento de Mounier. A conclusão da autora é taxativa ao explicitar o traço desse intelectual: “A coerência com tais princípios extravasa o âmbito profissional e invade o domínio pessoal, um modo de ser educador impregnado pela generosidade de uma pessoa que escolheu colocar seu pensamento e sua prática a serviço de um projeto humanista de educação no Brasil”.

O texto de Dermeval Saviani, *Contribuição do professor Severino para a metodologia da leitura, análise e interpretação de textos filosóficos*, tem um tom explicitamente memorialístico, narrando como as vidas profissionais de dois proeminentes acadêmicos brasileiros foram se cruzando. Saviani foi aluno de Severino, em seus últimos anos de graduação, quando esse começava sua carreira acadêmica na PUC-São Paulo, recém-chegado de seus estudos de Filosofia em Louvain. Logo em seguida, tornaram-se colegas, ambos lecionando na mesma Universidade, na qual fizeram concomitantemente seus doutoramentos, tendo sido, ambos, importantes disseminadores da pós-graduação em Educação no Brasil. Os diversos aspectos dessa amizade intelectual e profissional o leitor pode conhecer no texto. Mas Saviani, ainda mantendo o tom de exercício da memória, destaca, na produção de Severino, seus trabalhos no campo da metodologia do estudo e da produção acadêmico-científica. E o faz acrescentando a seu capítulo um texto que escreveu em 1973, para exercício de trabalho em sala de aula: “O texto de Victor Goldschmidt, *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos*: leitura e interpretação a partir das diretrizes propostas por Antônio Joaquim Severino”. Com isso, mostra a aplicação da metodologia de trabalho proposta pelo colega, trabalhando-a diretamente com seus alunos. Saviani encerra sua contribuição destacando aquele que considera o traço mais marcante de

Severino e de seu trabalho: o relevo da “eminente dignidade da pessoa”, que ele aprendeu com Mounier, tema de sua tese de doutorado, e que tem exercitado radicalmente em sua vida profissional.

Severino Educador foi o título escolhido por Bruno Pucci para nomear seu texto-homenagem. Claramente inspirado em Nietzsche, que ressaltou as virtudes do filósofo Arthur Schopenhauer como *seu* educador, Pucci faz o mesmo com Severino, mas ressalta: Nietzsche conheceu apenas a obra de Schopenhauer; ele, Bruno, teve a honra e a satisfação de conviver com Severino, desde 1972, quando o professor vinha de São Paulo para iniciar as atividades do mestrado em Educação no então Instituto Educacional Piracicabano, e ele iniciava seus estudos de mestrado. A convivência continuou, quando da realização de seu doutorado na PUC em São Paulo e depois materializou-se sobretudo em encontros de pesquisadores do campo da Filosofia da Educação. O texto destaca as atividades acadêmicas de Severino, chamando a atenção para a sua atuação nos mais diversos campos, mas como uma das referências na implantação e consolidação da pós-graduação em Educação no Brasil. Severino atuou em vários programas, tendo sido coordenador em vários momentos, mas teve também ativa participação na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, a ANPEd, e no Fórum de Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Educação, o FORPRED. Especial destaque é dado para sua atuação crítica ao processo de avaliação da pós-graduação pela CAPES e o investimento político e intelectual feito no sentido de produzir possibilidades alternativas a esse processo. De forma especial, o texto revela a participação de Severino na consolidação acadêmico-científica do campo Filosofia da Educação no Brasil. Seja por sua extensa produção em pesquisa e publicação na área, seja pela expressiva orientação e formação de novos pesquisadores, seja pela militância política para a garantia e consolidação de espaços acadêmicos. A história da Filosofia da Educação no Brasil não pode ser contada sem ter em Antônio Joaquim Severino um de seus atores centrais, como podemos perceber pela criação do GT Filosofia da Educação da ANPEd e pela Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação.

No ensaio *As lições do professor Antônio Joaquim Severino acerca do pedagógico, do ético e do político em suas vinculações com a educação*, José

Pedro Bouffleuer e Alexandre Simão de Freitas fazem notar, em primeiro lugar, a contribuição que Severino tem dado, do ponto de vista organizativo, à constituição do campo da Filosofia da Educação. Dentro do conjunto de ações empreendidas pelo autor homenageado destacam seu envolvimento assíduo na criação do GT Filosofia da Educação, da ANPEd, ocorrido em 1993. A fundação do GT foi decisiva para que a Filosofia da Educação, como intervenção direta de Severino, pudesse se espalhar para todas as regiões do Brasil, inserindo-se não só nos cursos de graduação, mas também se capilarizando nos Programas de Pós-Graduação em Educação. Os autores tratam, em segundo lugar, da contribuição propriamente teórica dada por Severino à formação do campo da Filosofia da Educação. O modo como Severino recepciona criticamente as teorias educacionais torna-se muito instrutivo à formação de novos pesquisadores do campo educacional, uma vez que ele, indo muito além do mero mapeamento das referidas teorias, investiga sistematicamente autores e textos que as compõem. O homenageado adota um procedimento hermenêutico de fundo, pondo as diferentes teorias em diálogo entre si e, além de evitar querer simplesmente invalidá-las, faz com que percebam seus limites e próprios alcances. É justamente no diálogo com a tradição intelectual passada e presente que Severino, segundo os autores, assume como papel central da Filosofia da Educação “refinar permanentemente o trabalho conceitual de compreensão do sentido e papel da educação como formação humana”.

No ensaio *Filosofia, educação e práxis no pensamento de Antônio Joaquim Severino*, Angelo Cenci e Eldon H. Mühl, baseando-se em alguns textos do autor homenageado, investigam o sentido da Filosofia da Educação e seu papel na reflexão de problemas educacionais. Deixam claro o quanto o pensamento de Severino é tributário da noção de práxis, cuja raiz remonta ao pensamento grego antigo, platônico e aristotélico, desaguardo, na modernidade, na tradição hegeliano-marxiana. Mas Severino não se filia exclusivamente a uma tradição em particular, pois, como destacam Cenci e Mühl, ele possui facilidade em dialogar com diferentes autores e correntes, revelando com isso sua grande capacidade de abertura à diversidade de leituras filosóficas de mundo. Do sentido aristotélico, os autores retêm a distinção entre *episteme*, *poiesis* e *práxis*, enfatizando,

dessa última, a ideia de que a especificidade da ação reside nela mesma. No âmbito da tradição marxiana, o conteúdo específico da práxis repousa no seu vínculo com os problemas da condição humana e da existência social. Cenci e Mühl concluem afirmando que do diálogo com diferentes tradições de pensamento, especificamente com a tradição grega (Platão e Aristóteles) e moderna (Marx) Severino constrói sua concepção de Filosofia da Educação como busca do sentido da própria educação, o qual repousa no próprio sentido da existência humana em sua historicidade e sociabilidade. Ou seja, a centralidade da práxis permite a Severino compreender a educação como intervenção social que constrói sujeitos.

Fecha esse bloco o capítulo de Marcos Antônio Lorieri, que passa em revista 30 anos de produção de Antônio Joaquim Severino no campo da Filosofia da Educação sob o título *A busca pela identidade da Filosofia da Educação no pensamento de Antônio Joaquim Severino*. São inventariados e estudados artigos, livros e capítulos de livros publicados entre 1986 e 2014, procurando identificar as temáticas presentes, sintetizadas em torno da pergunta pela identidade da Filosofia da Educação, aquilo que a consagra como campo investigativo. O fôlego de Lorieri constrói um panorama muito revelador dos problemas que têm inquietado Severino em sua atuação no campo da Filosofia da Educação e são agrupados em três eixos. O primeiro deles concentra-se em torno da dimensão ontológica e antropológica; o segundo diz respeito à dimensão axiológica; um terceiro trata da dimensão epistemológica da Filosofia da Educação. Nesse estudo abrangente, o autor destaca que “cada aspecto aí presente pode e merece ser aprofundado por estudos cada vez mais apurados, assim como as críticas severas e ‘severinas’ às abordagens com as quais ele não concorda e que estão indicadas no que denomina de ‘círculos hermenêuticos de compreensão da educação’”. O capítulo destaca também a preocupação de Severino com a formação filosófica, dedicando-se aos problemas relativos ao ensino da Filosofia que, para ele, não estão separados do quadro geral da Filosofia da Educação. O texto de Lorieri traz ainda uma extensa bibliografia da produção de Antônio Joaquim Severino em artigos, livros e capítulos de livros, o que facilita o acesso de pesquisadores a esse vasto universo.

A seção *Temas de um pensamento crítico e inconformado* está composta por seis capítulos. A questão da *autonomia* é um tema recorrente na produção de Antônio Joaquim Severino. Lílian do Valle e Estrella Bohadana em *Autonomia: do movimento local à criação de sentido* dirigem a atenção para o problema na temática contemporânea da educação à distância. O texto faz um percurso pelo tema autonomia, resgatando as principais perspectivas que ele assumiu no campo educativo: entre os gregos, como exigência de uma educação democrática; na modernidade, tomado como centralidade, Rousseau e sua ideia de um aluno-modelo que deveria, ao longo do processo de aprendizagem-formação, desenvolver paulatinamente a capacidade de escolher seus caminhos e fixar suas próprias regras de conduta; e, nos dias de hoje, em que a noção de autonomia se estende inclusive às máquinas. Será que a “autonomia” de uma máquina corresponde à autonomia humana? Após buscar as possíveis elucidações conceituais, o texto debruça-se sobre o tema da EAD e como a autonomia vem sendo pensada e problematizada nesse contexto. Passa também por alguns documentos oficiais brasileiros do campo educativo, para chegar à problematização dos sentidos que a autonomia vem assumindo na educação contemporânea, em especial nas propostas de um ensino à distância. Se, desde Aristóteles, a autonomia tem sido pensada como um fim em si mesmo, que tipo de finalidade dos atos implica a noção de autonomia que se professa em nossos dias no campo educativo? O aporte crítico da Filosofia da Educação mostra-se com toda a intensidade neste texto, que problematiza o contemporâneo.

Alonso Bezerra de Carvalho, em *O papel do professor na modernidade: reflexões a partir de Max Weber*, optou por retomar o tema de seus estudos de doutoramento, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob a orientação de Severino. Analisa, na obra de Max Weber, as inferências em torno do papel e da ação social do professor na Alemanha de sua época para, a partir daí, pensar o contemporâneo. O capítulo destaca as críticas de Weber à falsa liberdade de cátedra existente então na Alemanha, denunciando um ensino universitário mais ocupado com a formação de funcionários para o Estado ou para a Igreja, sendo comum o desligamento de docentes que,